

Lenine Póvoas

A cultura e o patrimônio histórico de Mato Grosso

João Carlos Vicente Ferreira⁶

O mundo está interessado em Mato Grosso? Sim. Hoje, mais que nunca. Somos centro de atenção de vários países mundo afora, especialmente, pelo nosso potencial econômico baseado na produção agropecuária. No entanto, esse deslumbre por Mato Grosso não é novidade alguma, notadamente para quem conhece um pouco sobre a nossa bela e impressionante história. A famosa lenda das Minas dos Martírios que o diga, pois, a partir do século XVIII e no começo do século XIX, atraiu para cá expedições de estrangeiros que queriam saber mais sobre a história da inacreditável jazida de ouro. Seriam, segundo Manuel de Campos Bicudo e Bartolomeu Bueno da Silva, enormes seixos e pedras amarelas que brilhavam ao sol numa imensa montanha, numa imagem nunca antes vista por olhos gananciosos de neobrasileiros. À região dos Martírios, que passa pelo Xingu e seus mistérios, a lista de estrangeiros vindos da Europa é incontável. Até Bismarck, em 1843, o fundador e chanceler do império alemão, aos 28 anos, pelos mais variados motivos, aqui esteve para pesquisar a região e tentar encontrar pevides dourados de melão.

Dessas expedições muitos livros foram escritos, alguns até hoje são pesquisados e nos trazem à luz informações preciosas. Isso contribuiu, de certa forma, para a construção do imaginário histórico da gente mato-grossense.

Com o passar dos tempos, dos períodos históricos de governos, de fases econômicas e de comportamento social e cultural, Mato Grosso passou a olhar para dentro de si. De certa forma isso aconteceu mesmo, sem alardes e sem

⁶ Historiador, pesquisador e membro efetivo do IHGMT e da AML.

projetos. Um processo natural. Uma reação surda e progressiva. Esse foi um fenômeno ao qual podemos chamar de mato-grossismo, um contraponto ao “complexo de vira-latas”, expressão criada pelo escritor Nelson Rodrigues, que a justificou pela falta de autoestima dos brasileiros, e que teria começado com a derrota da seleção brasileira na Copa de 1950. Esse vocábulo, o mato-grossismo, não é comum e nem utilizado pela historiografia de nosso estado, publiquei-o num livro, em 2003, por entender que significa o enaltecimento da identidade do povo mato-grossense. Utopicamente, o termo mato-grossismo tem nomes e sobrenomes: sob o risco de não citarmos todos e sermos injustos com a dedicação à história e cultura de Mato Grosso de cronistas, pesquisadores, historiadores e escritores de e sobre Mato Grosso, vamos nos referir apenas a alguns deles: José Barbosa de Sá, Joaquim da Costa Siqueira, Augusto Leverger, Estevão de Mendonça, Dom Aquino Corrêa, José Barnabé de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, Rubens de Mendonça e Lenine de Campos Póvoas.

Desse timaço de homens de Mato Grosso e seus feitos extraordinários em prol da cultura mato-grossense é impossível dizer qual deles tem maior peso na contribuição para a formação histórica e cultural de nossa terra. Cada um foi importante a seu tempo de vida e de suas publicações.

Os historiadores desempenharam um papel importante na formação da paisagem simbólica e histórica mato-grossense após a década de 1960. Dentre muitos notáveis e imortais escritores e historiadores dessa época, destaco Lenine Póvoas com atuação impecável na salvaguarda de nossa historiografia.

As décadas de 1960 e 70 representaram para Mato Grosso uma radical mudança em hábitos culturais, econômicos e sociais. O motivo que levou a essa situação foi o fabuloso processo migratório, que se deu por diversos motivos, para terras de Mato Grosso. Para cá vieram famílias de todas as regiões brasileiras, as quais traziam em suas bagagens um conjunto de hábitos e cultura totalmente adversos daqueles

do povo mato-grossense. Eram diferentes em tudo: jeito de falar, na culinária, e, especialmente, pela tradição cultural.

Lenine Póvoas era um observador das causas culturais mato-grossenses. Tinha experiência por sua vida literária, historiográfica e de vida pública. Percebeu que a cultura mato-grossense, especialmente a cuiabana, estava sendo engolida pela onda migratória. Ouviam-se nas rádios mato-grossenses vanerões, xotes e muita música sertaneja, pouco ou quase nada de algo que remetesse ao tradicional gosto musical de nossa gente: valsas, guarânias, boleros e o rasqueado. Cururu e siriri então, nem pensar.

O trabalho de disseminar conhecimento de nossa história e cultura entre os migrantes nacionais era fato premente. A este chamado Lenine Póvoas não se recusou à execução. Sabedor que tudo gira em torno da política, visto que sempre atuou politicamente, inclusive sendo deputado estadual e vice-governador do Estado, Lenine não rejeitou o convite formulado pelo governador de Mato Grosso, José Garcia Neto (1974-1978), para ser o 1º presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, instituição criada sob a Lei nº 3.632, de 20 de junho de 1975.

Sabia Lenine que o momento era único. Foi ungido para colocar a cultura mato-grossense no seu devido lugar. Imaginemos a sua alegria, ele que era um ser cultural: um órgão público a cuidar tão somente da área cultural!

Não poderíamos mais correr risco de perdas de valores culturais. Sobre isso deve ter refletido Lenine, bastava se lembrar de fatos recentes, à época: derrubada da catedral metropolitana de Cuiabana e do antigo Palácio Alencastro, nas décadas de 1950 e 1960, sem contarmos o fato de Cuiabá ter o seu centro histórico, com casarões multisseculares postos abaixo sob o argumento da modernidade arquitetônica e urbanística que assolou o Brasil a partir da década de 1930/40.

Com Lenine Póvoas, a década de 1970 foi um período de início de recuperação da memória social de personagens e

eventos da história regional. Foi um tempo de acertar contas com o passado e fazer justiça às pessoas que mereciam um bom nome a serem lembradas.

A primeira providência de Lenine depois de empossado presidente foi a de ajustar-se às questões de legalidade e espaços. Debruçou-se o presidente, ajudado por assessores, sobre a elaboração de Estatutos determinado pelo Decreto nº 126, de 31 de julho de 1975. Preocupou-se Lenine com as instalações físicas destinadas pelo Palácio Paiaguás à novel instituição. Sobre esse assunto o presidente da Fundação Cultural publicou artigo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso: “*Só a muito custo as Secretarias do Interior e Justiça e de Segurança Pública deixaram o antigo Palácio da Instrução, liberando todo o seu pavimento térreo que foi recuperado, tendo sido inclusive removidas as divisórias de madeira ali colocadas, para que pudéssemos restituir o prédio às características de sua arquitetura primitiva*” (1976, p. 161).

A escolha de espaço para sede da Fundação Cultural recaiu sobre o Palácio da Instrução, sendo justificada pela historicidade que pesa sobre o seu telhado, paredes e muros de pedras cangas que os circundam. Os largos espaços daquele prédio histórico permitiram ao historiador Lenine Póvoas satisfazer um antigo desejo, o de reinstalar naquele espaço a Biblioteca Pública do Estado. Sobre essa necessária ação cultural disse:

Não dispondo antes de instalações condignas, sem possuir salas especiais para suas diversas secções, nem mesmo um salão especial para leitura, e vivendo em contínuas mudanças, a Biblioteca dispõe agora de instalações que nunca teve nos sessenta e quatro anos de sua existência, com uma sala para Diretoria, uma para serviços técnicos, uma para leitura de periódicos, uma para pesquisa em grupo, uma para leitura individual e três salões para o seu acervo. Foi organizado um fichário dos livros, através do qual os consulentes solicitarão as obras, sendo vedado o acesso do público ao salão de acervo (1976, p. 161-162).

Notamos sua satisfação ao falar da biblioteca e sua socialização com a população de Cuiabá e Mato Grosso. A biblioteca recebeu o nome de Estevão de Mendonça e, desde sua implantação no Palácio da Instrução, por Lenine Póvoas na década de 1970, vem cumprindo o seu papel cívico. Em 2003, o governo do Estado conseguiu recursos com a iniciativa privada e investiu pesado na restauração do centenário prédio do Palácio da Instrução. Nessa intervenção foram investidos altos valores em melhorias da biblioteca, tornando-a ainda mais atrativa. Isso foi feito para preservar a tradição, para evocar um senso de orgulho e para preservar o patrimônio histórico.

Em 2015 aventou-se a possibilidade de transferência da biblioteca para outro espaço físico, fato que foi prontamente rechaçado por funcionários e setores da sociedade cultural cuiabana.

Um dos segmentos culturais que mereceu especial atenção de Lenine Póvoas à frente da Fundação Cultural de Mato Grosso foi o das artes plásticas. Foi organizada a Pinacoteca do Estado e foram destinados recursos para exposições permanentes dos expoentes da pintura e do artesanato mato-grossense: *“Aberta ao público e especialmente aos forasteiros que nos visitam, para que tenham uma ideia do nível cultural a que já atingiu nosso povo”* (1976, p. 162).

Naquele início de implantação da Fundação Cultural, várias exposições de artes aconteceram, dentre as quais registrou-se as a da corumbaense Hebe Lacerda Albaneze e do consagrado pintor cuiabano João Pedro de Arruda.

Dentro do propósito de oferecer boas condições aos artistas plásticos de Cuiabá, foi criado o *I Salão Jovem Arte Mato-Grossense*, ao qual compareceram cerca de oitenta jovens artistas que ali tiveram a oportunidade de expor suas obras. Com o aumento da demanda deste segmento e o surgimento de novos talentos, a instituição presidida por Lenine Póvoas instalou o *Atelier Livre*, sob a orientação e coordenação da artista Dalva Maria de Barros que, neste

ano de 2021, está sendo homenageada com o prêmio de Mestre da Cultura de Mato Grosso. Outro ícone das artes visuais de Mato Grosso deixou seu nome cravado na história da Fundação Cultural e na revolução de artes iniciada por Lenine, foi Clóvis Irigaray, de reconhecido talento internacional, que até os dias de hoje encanta a todos com o seu inimitável estilo de pintar.

Ainda dentro do segmento das artes plásticas, o presidente Lenine trabalhou para editar, em convênio com o Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT, o livro “*As Artes Plásticas em Mato Grosso nos Séculos XVIII e XIX*”. Seu autor é o escritor Carlos Francisco Moura, um português que reside no Rio de Janeiro e é apaixonado por história de Mato Grosso. Já escreveu inúmeros títulos sobre a nossa terra querida.

Lenine era ativo em seu alto posto cultural e via a importância da história na educação escolar que prenunciava mudanças profundas. Ele não ficou indiferente quando o passado e a tradição de Mato Grosso se viram em possibilidades de choque de culturas. Importante registrar que nesse período ainda estávamos vivendo tempos de “Mato Grosso Uno”, ou seja, o então presidente da Fundação Cultural tinha que ter olhos voltados para um território superior a 1,2 milhões de km², divididos em 93 municípios. Muitas das cidades históricas de Mato Grosso precisavam de atenção aos seus sítios e patrimônios, todos em absoluta falta de proteção. Essa “proteção” suscitava não apenas preocupações por seu estado de conservação, mas, especialmente, em questão de legalidade para gestão e finanças para investimentos em ações de recuperação de patrimônios.

Um dos requisitos básicos para disseminação de memória e história é a visita aos museus das cidades. Infelizmente, Mato Grosso sempre teve problemas com esse tipo de aparelho cultural. O histórico sobre esse assunto é de tristes lembranças, a exemplo do que ocorreu com o rico acervo do Museu D. José, fundado pelo desembargador Eu-

frásio Cunha Cavalcanti, no começo do século XX. Com sua morte, a família não manteve os mesmos ideais culturais do fundador do museu, preferindo se desfazer dos objetos de alto valor histórico que estavam a ocupar espaço e poderia render algum dinheiro. Em 1951, o antiquário de São Paulo, Sr. José Claudino da Nóbrega, adquiriu as últimas peças “de pouco valor” do museu, cujo acervo riquíssimo havia sido oferecido ao governo do Estado de Mato Grosso, que não quis adquiri-lo. Diante da recusa, parte de seu acervo foi vendido ao Museu Paulista e parte ao Museu Pernambucano.

Sabedor que projetos de criação de museus eram necessários, como forma de preservar nossa memória, Lenine Póvoas tratou de instalar, em parceria com a Arquidiocese de Cuiabá, um Museu de Arte Sacra, segundo o então presidente da Fundação Cultural: “[...] *no magnífico edifício do Seminário da Conceição, no qual serão expostos o que ainda se puder salvar do acervo de arte sacra desta região do Estado, os altares barrocos da Catedral que foi demolida e tudo aquilo que pertenceu ao saudoso Arcebispo d. Aquino Corrêa*” (1976, p. 162). Não satisfeito, projetou a instalação, no pavimento superior do prédio, de um Museu Histórico de Mato Grosso e um outro de História Natural. Sobre esse último, disse: “[...] *constituirá núcleo central o ‘Museu das Monções’, da CODEMAT, que será transferido à Fundação*”. Parecia até que Lenine Póvoas antevia que nas próximas décadas ocorreriam, em Mato Grosso, mudanças significativas nos sistemas culturais e educacionais, forçadas pelo desenvolvimento da sociedade da informação, tendo a escola que se adaptar às novas condições externas decorrentes do desenvolvimento da tecnologia e às novas necessidades educacionais expressas pela sociedade emergente.

Apesar dos poucos recursos de que dispunha para investimentos na área da cultura, Lenine Póvoas não deixou de contemplar todos os segmentos culturais que se apresentavam à época. Essa é uma marca registrada de todas as administrações de governos, quer sejam municipais, estaduais

ou federal: A verba é sempre curta. A Cultura é o “patinho feio” do setor público. Infelizmente, os nossos governantes são mal orientados ou desprovidos de bons propósitos, pois em qualquer país europeu investimentos em cultura constituem prioridade. O resultado é sempre dos melhores.

Mesmo com pouca verba, a instituição presidida por Lenine patrocinou inúmeras participações de grupos folclóricos em Brasília, Campo Grande, Corumbá e em Cuiabá. Até mesmo o Grupo Folclórico Gaúcho, do projeto Rondon, foi contemplado. Isso significa que a visão geopolítica e sociocultural de Lenine ia longe, daí o resultado de financiar grupo folclórico gauchesco.

Pesquisador, historiador e escritor, Lenine sabia da importância de se publicar livros. Com esse poder em mãos, não deixou por menos. Além dos que citei em linhas anteriores, fez editar uma das obras necessárias às pesquisas sobre coisas de Mato Grosso, uma “*Bibliografia Mato-Grossense*”, organizada por um grupo de voluntários e que, segundo Lenine era: “[...]destinado à nova edição, devidamente revista e ampliada”. Lenine Póvoas tinha conhecimento de que numa cultura baseada na palavra impressa e fonte básica de conhecimento (ao lado do professor) era o livro, preferencialmente o didático. Vale lembrar a opinião de educadores de história que enfatizam que o livro didático, devido ao seu caráter abrangente, é o meio básico no ensino-aprendizagem da história e cultura.

Outro livro que recebeu apoio da instituição presidida por Lenine Póvoas foi “*Cultura, Literatura e Língua Nacional*”, de autoria das professoras Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira, ambas de Campo Grande. Paralelamente, a Fundação financiou o grupo vocal “*Conjunto Luzazu*”, também de Campo Grande, fazendo jus aos investimentos feitos em cultura no Estado uno, então um gigante, não apenas no talento de seus artistas, mas em espaço geográfico.

Nas artes cênicas, Mato Grosso tem tradição cultuada, marca indelével nas memoráveis festas oferecidas pelos

cuiabanos ao juiz-de-fora da capitania de Mato Grosso, Diogo de Toledo Lara Ordonhez, por ocasião de seu aniversário, em 1790. Foi uma comemoração sem precedentes, que duraram de 6 de agosto a 11 de setembro. Em sua homenagem, no Largo da Mandioca foram realizadas cavalhadas, óperas, contradanças e comédias, além de programação religiosa e oficial. Nesse segmento cultural das artes cênicas, Lenine Póvoas contribuiu com recursos públicos, advindos do órgão sob sua tutela, para apresentações culturais em cidades do interior mato-grossense. Foram contempladas nessa proposta as peças teatrais “*Quadro do Tempo*”, com elenco da Associação Mato-Grossense de Estudantes, e “*Moreninha*”, do grupo teatral Moçambique, do SESI. Naquele período, o presidente Lenine assinou convênio com o Instituto Nacional do Teatro para a vinda, à Cuiabá e Campo Grande, de expressivas companhias teatrais, que faziam sucesso no eixo Rio-São Paulo, com atores e diretores de renome nacional.

Sabedor da importância da Academia Mato-Grossense de Letras, imortal que foi, e o é pela Cadeira nº 33, que ocupou magistralmente, sendo, inclusive, seu presidente por mais de 10 anos, no período 1981-1991, voltou seus olhos para aquela casa de saber. Dentro das possibilidades financeiras possíveis, sobre isso disse o seguinte: “[...] *deu a Fundação Cultural apoio à Academia Mato-Grossense de Letras para seu formal funcionamento e para a publicação de sua Revista, há tantos anos paralisada, assim como auxílio às suas congêneres de Campo Grande e de Corumbá, para a edição de obras de seus membros*” (1976, p. 163). Lenine também era membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e ambas centenárias instituições culturais ocupam espaço comum na Casa Barão de Melgaço.

A Fundação Cultural propôs e formulou um anteprojeto de Lei que permitisse àquela instituição a propriedade do tombamento de bens patrimoniais históricos em Mato Grosso. Desse objetivo surgiu a Lei nº 3.773, de 20 de setembro de 1976. Essa foi, sem dúvida alguma, uma das mais importantes iniciativas de Lenine Póvoas em relação

à preservação do patrimônio histórico e arquitetônico de Mato Grosso, ou, pelo menos, do que restava dele. A partir desse período, assomando-se aos esforços de pessoas e instituições que se preocupavam com o destino dos casarões cuiabanos, seus prédios públicos e suas igrejas coloniais e imperiais, desencadeou-se um processo de redescoberta de nossos valores culturais: era o mato-grossismo agindo. Essa lei estadual surgiu na esteira do tombamento da Igreja do Rosário e São Benedito, em 4 de dezembro de 1975, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, atual IPHAN, após o processo nº 533 – T – 57^a.

Importante registrar que não apenas Cuiabá teve seus olhos voltados para tombamentos e olhares mais acurados sobre a realidade de nossos prédios históricos. As cidades de todo o *interland* mato-grossense também receberam esse olhar de afeto. A partir de então, inúmeros prédios públicos foram tombados, assim como particulares também, nas administrações sucedâneas da Fundação Cultural, inclusive quando passou à categoria de Secretaria de Estado. Essa lei foi um instrumento e tanto na mão de gestores bem-intencionados e preocupados com a preservação de nossa memória.

Concluo este artigo afirmando que Lenine de Campos Póvoas foi um dos dignos guardiões de nossa memória história, mesmo tendo nos deixado há tempos. A comemoração do seu centenário de nascimento nos remete a Cícero, quando afirmou que “*A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos*” (1996, p. 15-34). Lenine foi escritor e um historiador por excelência. Escreveu muito sobre sua terra natal, no entanto, deixou suas impressões sobre temas relevantes relacionados ao Novo Mato Grosso, que surgiu exatamente na década de 1970, com a divisão territorial e vinda de dezenas de milhares de neomato-grossenses. Essas famílias trouxeram consigo suas culturas e as preservaram. E o que é melhor, assimilaram a mato-grossense. Hoje, convivem muito bem com as duas, a de origem e a

de adoção. Se orgulham de ambas. Lenine não se referia às pessoas chamando-as de “paus-rodados”, como muitos ainda o fazem em Cuiabá, principalmente. Lenine era um Estadista. Era sabedor de que a história sempre é escrita pelos vencedores, e que devesse evitar o choque de culturas, pois o perdedor leva a pior e pode ser extinto quando se escreve histórias em livros. Ele contribuiu sobremaneira para preservar a genuína cultura mato-grossense, sem entrar em choques e debates inúteis. Como Napoleão disse uma vez: “*O que é história, senão uma fábula?*”

Referências

CHIAPPETTA, Angélica. “Não diferem o historiador e o poeta...” O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *Língua e Literatura*, n. 22, p. 15-34, 1996.

QUEM DISSE. Frases sobre o Código Napoleônico. Acessado em 15/03/2021 – <https://quemdisse.com.br/frase/0-que-e-a-historia-senao-uma-fabula-convencionada/16704/>.

REVISTA DO IHGMT – Tomos LXIII – CVI. Anos XXVII – XLVIII. Cuiabá – MT; 1976.